

CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA: Uma experiência com o projeto “Brincadeiras: expressão de alegria”

Tyciana Vasconcelos Batalha; José Carlos de Melo; Josélia de Jesus Araujo Braga de Oliveira; Geiziane Kely Costa; Edith Maria Batista Ferreira

*Universidade Federal do Maranhão, alftyai@gmail.com; Universidade Federal do Maranhão, mrzeca@terra.com.br;
Universidade Federal do Maranhão, josybraga45@gmail.com; Geiziane Kely Costa, geizianekely28@hotmail.com;
Universidade Federal do Maranhão, edithribeiro75@gmail.com.*

RESUMO: Este artigo é um recorte do relatório feito durante o Estágio Supervisionado em Docência da Educação Infantil, componente da estrutura curricular da Universidade Federal do Maranhão - UFMA e tem como objetivo geral alavancar nossas primeiras experiências da práxis docente e a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, como principal foco da atuação docente desenvolvida durante o mesmo, um momento importante e indispensável na formação de um futuro docente. Para tanto realizamos estudos, observações participante e regências em uma turma do Maternal I, composta por dezoito crianças, com dois anos de idade. Que foram vivenciadas em uma escola pertencente a rede pública do município de São Luís – MA. Para a fundamentação e análise dos dados utilizamos os seguintes autores: Batista (2008); Carneiro (2007); Menegolla (1992); Pimenta e Lima (2004), entre outros. Deliberamos elaborar esse projeto, pois as brincadeiras envolvem aspectos da coordenação e do equilíbrio. E as turmas do maternal, devem valorizar e ter em seu cotidiano jogos e brincadeiras que provoquem evolução do desenvolvimento motor das crianças, além de demonstrar os valores da competição, colaboração, combinação, perda, ganho e respeito às regras. As conclusões revelam que não é tão fácil quanto dizem, está em um espaço com as crianças pequenas e pequeninas, é preciso estudar, planejar, revisar, reescrever e repensar tudo várias vezes. Não basta adentrar ao espaço, é preciso estar de corpo e alma presente. Apesar de serem pequenas, elas entendem o que estamos fazendo, quando temos segurança, quando estamos com dúvidas, são muito espertas e inteligentes, aprendem rápido. E quando percebem que estamos doando o nosso melhor, elas retribuem de uma maneira maravilhosa tudo o que propomos.

Palavras-chave: Educação Infantil, Docência, Estágio Supervisionado.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo expor nossas primeiras experiências da práxis docente e a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, como principal foco da atuação docente desenvolvida durante o Estágio Supervisionado, um momento importante e indispensável na formação de um futuro docente, posto que é a oportunidade de enfrentar os possíveis desafios que teremos no futuro e tirar a timidez, além de confrontarmos teorias e práticas, vivenciando o cotidiano escolar no chão da sala de aula e conhecendo a realidade da profissão. Contribuindo para a elaboração das concepções do profissional que queremos ser, e em qual área teremos mais afinidade em estar inseridos.

No curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, o Estágio Supervisionado começa no quinto período e acompanha o aluno até o final do curso, favorecendo a experiência em diversas áreas, desde a Educação Infantil até o ensino Médio, passando pela Gestão e a Formação de Formadores. Propiciando assim um relacionamento mais estreito com todas as áreas do saber docente. Corroborando para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e a escolha definitiva da área que atuaremos como futuros profissionais.

Com base neste panorama de oportunidades, o Estágio em Docência na Educação Infantil é o primeiro Estágio Supervisionado na nossa grade curricular, é a primeira etapa da nossa formação em que temos que aprender na prática o “como fazer”, lidar com imprevistos, perceber a real situação do local onde trabalharemos futuramente.

Este primeiro contato com as crianças, fazendo as intervenções é muito importante, pois detectamos as dificuldades e o que precisamos melhorar, para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Tornando-nos melhores a cada dia e a cada nova experiência.

Com base no exposto acima, este artigo se configura como um recorte do registro das nossas experiências, estudos e observações participante, durante o estágio em Docência da Educação Infantil. Que foram vivenciadas em uma escola pertencente a rede pública do município de São Luís – MA.

Para ajudar na transcrição das experiências vividas e facilitar a compreensão deste registro organizamos e dividimos este artigo em três partes, a saber: Reflexões sobre o Estágio em Docência na Educação Infantil, onde apresentaremos o momento inicial do Estágio, a forma como foi pensado e organizado e a importância para a nossa formação docente; a segunda parte, Investigação da Docência no Contexto Escolar, destacaremos o que observamos e vivenciamos em sala de aula e fora dela, e a escolha do tema do projeto, na terceira parte, mas não menos importante, a Construção da Docência no Cotidiano Escolar, onde registraremos o processo de construção do Projeto de trabalho, o que foi desenvolvido, as nossas dificuldades e aprendizagens vividas na docência.

2 REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS AO ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta parte da investigação, apontamos como objetivo apresentar o momento inicial do Estágio, a forma como foi pensado e organizado, a importância do estágio para a minha formação docente, na perspectiva de ampliar o nosso olhar sobre a Educação Infantil. O estágio nos dá a oportunidade de fazermos a relação teoria-prática junto às crianças, “o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 34).

Segundo Kishimoto (2009, p. 51) “O estágio supervisionado é o momento de formação profissional pelo exercício *in loco* e presença participativa em ambientes próprios de atividades daquela área profissional, sob a responsabilidade de um profissional habilitado”. É o momento onde podemos refletir e construir o significado de educação infantil no campo de atuação, e com o auxílio de um profissional experiente tentar colocar em prática as nossas idealizações e responder dúvidas, que vão surgindo ao longo do processo.

E para obter êxito, o nosso estágio foi desmembrado em três fases: Reflexões introdutórias ao estágio em docência na Educação Infantil, Investigação da Docência no contexto escolar e Construção da docência no cotidiano escolar. Na primeira fase realizamos leituras e discussões de diversos textos, para termos um embasamento teórico, assim como foram nos fornecidos todos os documentos e informações do estágio e as principais atividades.

Os estágios Supervisionados na Universidade Federal do Maranhão são “100% presenciais”, não podemos faltar, posto que temos um compromisso com a nossa professora e com a escola. As atividades devem ser cumpridas e os objetivos atingidos. Este foi o nosso primeiro estágio no chão da sala de aula, onde fizemos as intervenções, e pudemos observar os desafios de ter uma turma por nossa responsabilidade e principalmente, conhecer as nossas falhas.

Para facilitar e registrar essa nossa primeira experiência, foi-nos sugerido a escrita do diário de bordo, onde deveríamos escrever e descrever as nossas ações, inquietações, expectativas, inseguranças, impressões, sentimentos, desejos, torná-lo um documento ao qual poderia ser visto e revisto, traçando um diálogo, onde perguntas e respostas surgiriam ao longo do processo, tornando possível a reflexão em cima de nossos atos, e do contato com a escola e com as crianças (OSTETO, 2012).

Dentre as muitas leituras que realizadas nesta primeira fase, estudamos e discutimos as concepções de estágio (imitação de modelo, instrumentalização técnica, aproximação da realidade e atividade teórica/ estágio como pesquisa). E chegamos a conclusão que o nosso tipo de estágio

deveria refletir e intervir sobre a realidade, problematizando a prática, a partir da atividade teórica instrumentalizadora dessa prática docente, tornando-nos professores investigativos e pensantes.

Também fomos provocadas a pensar sobre a organização do trabalho pedagógico na escola da infância e a buscar pistas para a nossa atuação na escola campo com crianças pequenas e pequeninas. O que ficou evidente com todos esses estudos, foi que devermos repensar à nossa maneira de planejar uma aula, tendo um olhar mais dialógico com as crianças, pois as mesmas podem nos demonstrar as pistas necessárias para otimizar a aprendizagem (e isso não é tarefa fácil). Passarei a descrever a seguir a segunda fase do nosso estágio.

3 INVESTIGAÇÃO DA DOCÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste momento, temos por objetivo descrever de forma reflexiva a segunda etapa do Estágio, onde foi possível vivenciarmos a dinâmica da escola em que atuamos com estagiários/as. Tivemos a oportunidade de conhecer a sala de aula, a professora e as crianças em que atuaríamos no período da regência. Pudemos ainda conhecer toda a estrutura da escola, bem como alguns funcionários e o seu modo de funcionamento.

A nossa turma de investigação da docência e observação participante foi a do maternal 1, com uma média de 18 crianças com dois anos de idade, começávamos a aula as 13h30min e terminava às 17h30min. A rotina da sala observada foi a seguinte: no primeiro momento as crianças chegavam e brincavam com os brinquedos da caixa (bonecas, carrinhos, garrafas, encaixes, etc.), em média as 14h00min guardavam os brinquedos e fazíamos uma roda no chão, onde conversávamos sobre o fim de semana, era mostrada a ficha com o nome de cada criança, cantávamos e a professora contava uma história.

Em seguida montávamos as mesas no meio da sala e distribuíamos as crianças em dois grupos, para a realização de uma atividade (colagem, pintura), por volta das 15h:30min as crianças saíam para o lanche onde permaneciam por uns vinte minutos, quando voltavam para sala, continuavam fazendo as atividades. Quando a atividade chegava ao fim, a professora trocava as fraldas das crianças e ficávamos esperando a chegada dos pais.

A avaliação era feita em forma de portfólio, separando de quatro a cinco atividades por mês, esse tipo de planejamento era organizado pela coordenação pedagógica, visto que devemos

“planejar o indefinido, porque a educação não é um processo, cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos decorrentes de uma ação puramente mecânica e impensável” (MENEGOLLA; ANN, 1992, p. 23).

Um dado que observamos durante o período de observação participante, é que durante a prática pedagógica da professora, não havia abertura para brincar (as crianças só brincavam no início da aula, dentro da sala, enquanto a turma chegava, e depois era disponibilizado umas peças de encaixe para turma enquanto outras crianças faziam as atividades com a professora, oportunizando o tempo e favorecendo o trabalho individual com cada criança). Esta foi a primeira creche onde não víamos o ato do brincar assistido na hora do lanche.

E por este motivo pensamos no projeto “BRINCADEIRAS: Expressão de alegria”. Por ter a convicção de que o espaço infantil para brincar deve ser dinâmico, “conter uma grande variedade de brinquedos e equipamentos próprios para a idade e que estimulem uma brincadeira que faça uso de todo o corpo assim como das habilidades de manipulação” (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 264). Permitindo que a criança desenvolva a coordenação motora ampla por meio das brincadeiras dirigidas, explorando e reconhecendo diversos movimentos utilizando o brincar e estimulando a atenção e a percepção.

4 CONSTRUÇÃO DA DOCENCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Agora partiremos a descrever o motivo da nossa escolha pelo projeto “Brincadeiras: expressão de alegria”. Decidimos elaborar esse projeto, pois as brincadeiras envolvem aspectos da coordenação e do equilíbrio. E as turmas do maternal, devem valorizar e ter em seu cotidiano jogos e brincadeiras que provoque evolução do desenvolvimento motor das crianças, além de demonstrar os valores da competição, colaboração, combinação, perda, ganho e respeito às regras. As crianças pequenas devem ter acesso ao ambiente e a objetos de diferentes texturas, tamanhos, modelos, formas, posto que quanto maior a variedade de materiais, mais descobertas elas farão.

Quando a criança se movimenta, ela estabelece contato com o mundo que está ao seu redor, se expressando e se comunicando por meios de gestos e de mímicas, imitando e recriando, conforme as suas observações. A brincadeira contribui para melhorar o desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social da criança e é no espaço da educação infantil que esse direito deve ser garantido. De acordo com o Manual de orientações pedagógicas sobre Brinquedos e Brincadeiras

em Creche, "[...] as crianças caminham na direção da independência de movimentos, utilizando materiais mais estruturados para praticar atividades físicas e de manipulação. As professoras exercem um papel fundamental ao oferecer um ambiente que prepare as crianças para a autonomia no brincar" (BRASIL, 2012, p. 91).

E para que a prática de brincar seja real na escola é necessário: “[...] mudar [...] a maneira como entendem o currículo. Isso demanda uma transformação que necessita de um corpo docente capacitado e adequadamente instruído para refletir e alterar suas práticas. Envolve, para tanto, uma mudança de postura e disposição para muito trabalho”. (CARNEIRO e DODGE, 2007, p.91).

Quanto a metodologia em que foi desenvolvido, o projeto seria realizado durante as segundas-feiras do mês de agosto de 2016, com a nossa intervenção durante todo o horário da aula (13h: 30min às 17h: 15min). Os nossos dias no projeto ocorreria em quatro momentos: acolhida, lanche, movimentos e brincadeiras, encerrando com a despedida dos alunos. O objetivo geral era contribuir para o desenvolvimento dos aspectos psicológico, cognitivo, social e motor das crianças do maternal por meio da contação de histórias e brincadeiras, usando regras, autonomia e socializando.

E para conseguirmos alcançar o objetivo acima traçado, especificamos que: seria ampliado o repertório de palavras e histórias conhecidas utilizando as regras das brincadeiras e da contação de histórias; desenvolvendo a coordenação motora ampla por meio das brincadeiras dirigidas, explorando e reconhecendo diversos movimentos utilizando o brincar. Utilizando como recursos, diversos materiais, entre eles: balão, garrafas pets, pedras, bambolê, bolas, obstáculos, corda, fitas, etc.

4.1 Resultados da experiência

A primeira dificuldade foi organizar as sequências didáticas pensando nas crianças, e depois dessa parte resolvida, colocar o projeto em prática. A princípio pensamos que daria certo, havíamos pensado em atividades envolvendo “linhas”, as crianças haviam entendido o que tinha sido proposto, e estavam respondendo de acordo com o que havíamos previsto. Porém do meio da primeira brincadeira em diante foi um desastre. Batista (2008, p. 60) descreve bem o que passamos nesse momento: “[...] a relação que se estabelece entre o proposto pelo adulto e o que de fato é

vivido pelas crianças não é linear nem simétrica, mas permeadas pelo conflito e tensão entre esses sujeitos que vivem diferentes papéis”.

Para o nosso segundo dia de intervenção, foi proposto a contação de “histórias no escuro” com uso de lanterna e ao final da história realizar a brincadeira de sombras na parede, onde as crianças pudessem participar. E depois do lanche, a organização um circuito de brincadeiras com desafios, obstáculos e um boliche no final.

Ao locomover as crianças, mudando o local que elas estavam acostumadas, e principalmente ao apagar a luz, elas começaram a choramingar, não havíamos pensado nesse tipo de reação. A história não deu muito certo, mais da brincadeira com as sombras as crianças gostaram, fizeram vários bichos usando as mãos, todas participaram.

Depois do lanche, organizamos o circuito no pátio ao lado da sala, e foi maravilhoso, as crianças entenderam o que havia sido planejado e contribuíram para a realização das atividades, pularam no bambolê, passaram por cima de uma caixa, por baixo de uma ponte e terminaram deslizando pelo escorregador. Depois estavam fazendo tudo sozinhos. Foi muito gratificante ver as crianças interagindo.

No terceiro dia, planejamos uma história sonora, ou seja, uma história contada com o auxílio de instrumentos que emitam sons relacionados com a história contada (o som da água, do trovão, dos passarinhos). No nosso caso especificamente, não seria usado instrumentos, e sim, os sons produzidos pelas crianças, com o objetivo de torna-las participantes ativas no processo de contação. Conseguimos contar a história, imitar aos sons produzidos pelos animais e com a ajuda das crianças as figuras foram coladas no TNT. Ao terminar de contar a história cantamos a música “no sitio do seu Lobato”, imitando todos os sons aprendidos. Após o lanche fomos ao parquinho, eles brincaram, exploraram os brinquedos, alguns monopolizaram a bola e um triciclo, fora esses detalhes a tarde foi proveitosa, os objetivos alcançados e terminamos com uma festa de balões.

No último dia de intervenção a sequência bem dinâmica, no primeiro momento fizemos a contação da história “Mordida não, Napoleão” e fizemos interações com um espelho. As crianças fizeram parte da história contada. Todas queriam se mirar no espelho, pois a história falava dos olhos, nariz e boca, principalmente as meninas, que além de olhar para as partes que eram chamadas a atenção ainda arrumavam o cabelo.

Logo após fizemos um chocalho com garrafas pets, eles deveriam encher as garrafas com as pedrinhas e milho, foi uma atividade bem interativa e alegre. E após fazermos uma bandinha com os chocalhos, foi realizada a nossa confraternização. Nos despedimos, felizes por termos

concluído o que tínhamos planejado e tristes por ter acabado. Ficou um gostinho de quero mais. Entretanto fica como aprendizado que “precisamos treinar nosso olhar, nossa escuta acerca dos mundos das crianças, suas teorias, suas singularidades e diversidades. [...] O que sabemos hoje é que pouco ou quase nada sabemos sobre o universo infantil” (BATISTA, 2008, p. 64)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado promoveu diversos sentimentos ao longo deste caminho, “euforia”, sentimento que predominou nas primeiras escritas do nosso caderno de bordo. Pensamos que tudo seria fácil, nos enganamos.

“Medo” foi o que sentimos, quando soubemos que teríamos que fazer a regência da sala, planejar e pensar tudo. “Dúvidas” ao fazer as observações participantes, e não saber ao certo como iríamos intervir com as crianças. “Desespero, desmotivação”, sentimentos que tomaram conta do nosso pensamento, quando o que havíamos planejado dava errado.

“Motivação”, ao perceber que a sequência didática estava correta, as crianças interagindo e participando ativamente. “Esperança”, por percebermos que as atividades e o planejando estava correto, e de acordo com a idade das crianças. E o último e o melhor dos sentimentos que já sentimos durante esse período, “felicidade”, por termos concluído alguns dos objetivos traçados no início do nosso percurso.

Finalizamos com toda essa experiência vivida, que não é tão fácil quanto dizem, está em uma sala com crianças pequenas e pequeninas, é preciso estudar, planejar, revisar, reescrever e repensar tudo várias vezes. Não basta adentrar a sala de aula, é preciso estar de corpo e alma presente. Apesar de serem pequenas, elas entendem o que estamos fazendo, quando temos segurança, quando estamos com dúvidas, são muito espertas e inteligentes, aprendem rápido. E quando percebem que estamos doando o nosso melhor, elas retribuem de uma maneira maravilhosa tudo o que propomos.

Este estágio contribuiu para a nossa formação acadêmica, de forma singular, única, pois por meio desta experiência, percebemos os nossos erros, as nossas dificuldades, aprendemos a superar os conflitos, a resolver os problemas que vão surgindo, a improvisar quando tudo parece está dando errado. E com todos os conhecimentos aprendidos, esperamos que nossa experiência possa contribuir com outras estagiárias nesse processo de construção da docência.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosa. Cotidiano da Educação Infantil: Espaço Acolhedor de Emancipação das Crianças. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação na Pequena Infância/CCE/UFSC**, Florianópolis, v. 10, n.18, p. 53-67, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/issue/view/1106>>. Acesso dia 01 de Setembro 2016.

BRASIL. **Brinquedos e Brincadeiras de Creches**: manual e orientação pedagógica. Brasília, MEC, 2012

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Parâmetros Básicos de infraestrutura para instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CARNEIRO, Maria Ângela Barbato e DODGE, Janine J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

GONZALEZ-MENA, Janet; EYER, Dianne Widmeyer. **O Cuidado com Bebês e Crianças Pequenas na Creche**: Um Currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas. 9. ed. Porto Alegre: Amgh (edição Digital), 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Formação do professor de educação infantil no curso de Pedagogia. In: PINHO, Sheila Zambello de. (org.). **Formação de educadores**: O papel e a sua formação. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MENEGOLLA, Maximiliano; ANN, Ilza Martins Sant. **Por que Planejar? Como Planejar?**: Currículo, Área, Aula. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. 160 p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012 (Coleção Ágere).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.